

# CONSIDERAÇÕES SOBRE O TEMA DA ENCARNAÇÃO NOS SÉCULOS II E III D.C.

Considerations on the theme of Incarnation in the 2nd and 3rd  
centuries ad

*Fabiano Veliq \**

**Resumo:**

O tema da Encarnação foi construído a partir do século I d.C e foi extensamente debatido nos séculos II e III d.C e tais repercussões reverberam nos séculos seguintes. O que pretendemos neste artigo é traçar um panorama do problema da Encarnação nos séculos II e III da Era Cristã, culminando no concílio de Nicéia em 325 d.C que se torna o grande marco de “resolução” da questão da Encarnação iniciada no século I d.C

**Palavras-chave:** Encarnação, Cristo, Teologia, Deus

7

---

**Abstract:**

The theme of Incarnation was built from the 1st century AD and was extensively debated in the 2nd and 3rd centuries AD and such repercussions reverberated in the following centuries. What we intend in this article is to draw an overview of the problem of Incarnation in the 2nd and 3rd centuries of the Christian Era, culminating in the Council of Nicaea in 325 AD, which becomes the great landmark of “resolution” of the issue of Incarnation that began in the 1st century AD.

**Keywords:** Incarnation, Christ, Theology, God

\* Doutor em Filosofia pela UFMG. Doutor em Psicologia pela PUC Minas. Professor Adjunto II do Instituto de Filosofia e Teologia da PUC Minas.

## Introdução

Após o final do primeiro século, as questões cristológicas assumiram um papel fundamental na fundamentação do cristianismo.. Por uma questão de escopo, não será possível tratar de maneira pormenorizada todo o debate a respeito da noção de encarnação nos primeiros séculos do cristianismo. O que pretendemos nesta seção é traçar um humilde panorama do problema da Encarnação nos séculos II e III da Era Cristã subsequentes, culminando no concílio de Nicéia em 325 d.C que se torna o grande marco de “resolução” da questão iniciada no século I d.C

## As vertentes sobre o tema da Encarnação

Algo marcante nos debates teológicos dos séculos II e III d.C. é que inúmeras ideias sobre Cristo surgiram a partir dos escritos do Novo Testamento. Havia grupos que negavam a divindade de Jesus, como os Ebionitas. Para eles, como Jesus era judeu, os cristãos deveriam seguir os preceitos judaicos para serem considerados cristãos, isto é, os cristãos deveriam seguir a lei de Moisés. Hipólito (2019), em seu famoso livro *Refutação de todas as heresias*, afirma que “os ebionitas<sup>1</sup> afirmam que o mundo foi feito por um verdadeiro Deus e eles falam de Cristo de maneira similar a Cerintus. Eles vivem, no entanto, com todo respeito à lei de Moisés, alegando que por isso são justificados.”<sup>2</sup> Seguindo esse ponto de vista, Jesus não era um ser divino, mas apenas um homem muito justo que viveu de acordo com a lei de Moisés. Para Hipólito (2019), isso seria uma heresia, pois este acreditava que Jesus era um

---

<sup>1</sup> Os ebionitas são retratados como cristãos judeus, ou seja, para este grupo os costumes judaicos deveriam ser conservados pelos cristãos. Problema esse que é retratado já no primeiro século e resolvido no Concílio de Jerusalém descrito em Atos 15. No concílio de Jerusalém, a querela entre cristãos judaizantes e cristãos não judaizantes atingiu um nível tal que foi necessária uma discussão entre os apóstolos para definirem o que seria ensinado aos gentios convertidos ao cristianismo. Nesse concílio ficou decidido que os cristãos convertidos não deveriam ser ensinados a guardar a tradição judaica, mas deveriam se abster das coisas sacrificadas aos ídolos, do sangue, da carne sufocada e da fornicação. A origem dos ebionitas não é muito clara na tradição cristã, mas o pouco que se sabe sobre eles os atestam como cristãos judaizantes

<sup>2</sup> Original em inglês - “But the Ebionaeans assert that the world is made by the true God, and they speak of Christ in a similar manner with Cerinthus. They live, however, in all respects according to the law of Moses, alleging that they are thus justified.” (HIPÓLITO. *Refutations of all heresies*. Book X. Capítulo. 18), Disponível em <<http://www.newadvent.org/fathers/050110.htm>> , acesso em 03 de outubro de 2019.

ser divino preexistente que sempre estivera com Deus, portanto, era igual a Deus antes do nascimento.

Outro grupo que negava a divindade de Jesus era os chamados “Teodotianos” ou “adocionistas romanos”. Esse grupo se reunia em torno de Teodoto, em Roma, e acreditavam também que Jesus era apenas um homem, com a diferença de ter sido fruto de um nascimento virginal. (Aqui, nos parece claro que os teodotianos aceitavam o evangelho de Mateus e o evangelho de Lucas como escritura). No já citado livro de Hipólito (2019), na refutação 23, é afirmado que o próprio movimento não era muito coeso, de forma que alguns acreditavam que Jesus era um mero homem empoderado por Deus no batismo, já outros acreditavam que Jesus teria se tornado divino no batismo; enquanto, para outros, Jesus teria se tornado Deus apenas na ressurreição; ou seja, o que Hipólito afirma é que, neste grupo, prevalecia os mesmos debates que vimos estar presentes desde o século I d.C.

Eusébio (2001), na sua *História eclesiástica*<sup>3</sup>, faz uma longa refutação da proposta Teodotiana e alega que para os Teodotianos, Jesus seria completamente humano e não divino, sendo adotado como Filho de Deus, e que tal doutrina teria sido ensinada pelos próprios apóstolos e pela maioria da Igreja Romana. Além disso, Eusébio (2001) afirma que os teodotianos alteraram os textos do Novo Testamento que copiavam a fim de inserir suas ideias adocionistas. Segundo Eusébio (2001), os teodotianos:

Adulteraram sem escrúpulo as divinas Escrituras e violaram a regra da fé primitiva; e desconhecaram a Cristo por não investigar o que dizem as divinas Escrituras, em vez de andar trabalhosamente exercitando-se em encontrar uma figura de silogismo para legitimar seu ateísmo. Porque, se alguém lhes apresenta uma sentença da Escritura divina, começam a discorrer que figura de silogismo se pode fazer, se conexo ou disjuntivo. [...] Mas os que se aproveitaram das artes dos infieis para o desígnio de sua própria heresia e com as artes dos ímpios falsificaram a fé simples das divinas Escrituras, que necessidade há de dizer que já não estão perto da fé? Por esta causa puseram suas mãos sem escrúpulo sobre as divinas Escrituras,

---

<sup>3</sup> Eusebio, de Cesareia. História eclesiástica. Madrid: Biblioteca de Autores Cristianos, 2001 82, 690 p. Há também uma versão online do livro de Eusébio disponível em [http://www.faberj.edu.br/cfb-2015/downloads/biblioteca/teologia/Eusebio\\_de\\_Cesareia.pdf](http://www.faberj.edu.br/cfb-2015/downloads/biblioteca/teologia/Eusebio_de_Cesareia.pdf). Acesso em: 03 de outubro de 2019.

dizendo que as haviam corrigido. E quem quiser pode saber que digo isto sem caluniá-los, já que, se alguém quiser reunir as cópias de cada um deles e compará-las entre si, notará que divergem muito. Pelo menos as de Asclepiades destoarão das de Teodoto. E podem-se adquirir muitas cópias, porque os discípulos transcreveram com grande zelo as que foram, como dizem eles, corrigidas, isto é, corrompidas por cada um daqueles. Tampouco as de Hermófilo concordam com estas; quanto às de Apoloniades, nem sequer concordam entre si mesmas, pois é possível discernir as que eles prepararam primeiro e as que logo depois foram alteradas, e se vê que discordam muito. Do atrevimento deste pecado, não é provável que eles o ignorem, porque, ou não crêem que as divinas Escrituras foram ditadas pelo Espírito Santo, e nesse caso são incrédulos, ou então acham que são mais sábios do que o Espírito Santo: e que outra coisa é isto se não estar possuído pelo demônio? Porque não podem negar que o atrevimento é deles mesmos, já que as cópias estão escritas por suas mãos e não receberam as Escrituras nesse estado daqueles que os instruíram, nem poderão mostrar um exemplar de onde tenham copiado as suas. Alguns deles nem sequer trataram de falsificá-las, mas depois de simplesmente negar a lei e os profetas, com o pretexto de um ensinamento iníquo e ímpio, caíram da graça na extrema ruína da perdição." E já basta deste tipo de relatos. (Eusébio de Cesaréia, 2001: p. 5:28)

Esse tipo de acusação que Eusébio (2001) faz a Teodoto se tornou praxe entre os caçadores de heresia dos primeiros séculos cristãos; os hereges alteravam os textos das escrituras para inserir neles partes que corroborassem a sua visão sobre Jesus. No entanto, como já pontuamos, a visão de que Jesus seria apenas humano que teria sido exaltado por Deus posteriormente é algo bastante defensável do ponto de vista bíblico.

Para além dos grupos que negavam a divindade de Jesus, nos primeiros séculos também havia grupos que negavam sua humanidade de Jesus. Jesus no máximo “aparecia” ou “parecia” humano. Esta visão ficou conhecida como “docetismo”, da palavra grega *Dokeo*, que significa “parecer” ou “aparecer”. Segundo essa visão, Jesus apenas parecia humano, mas sempre foi completamente Deus.

Os docetistas são combatidos na época da escrita do Novo Testamento. Na primeira carta de João, o autor se refere a um grupo de ex-membros da comunidade, a quem chama de “anticristos” e tal grupo seria os anticristos

porque negavam que Jesus teria vindo “na carne”. O autor da carta afirma: “Por meio disso, vocês podem conhecer o Espírito em Deus. Todo espírito que confessa que Jesus Cristo veio em carne procede de Deus; e todo espírito que não confessa Jesus não procede de Deus. Este é o espírito do anticristo, que vocês ouviram que está vindo, e agora já está no mundo.” (1Jo 4:2-3)

Como o autor da carta deixa claro, apenas aqueles que confessam que Jesus veio em carne poderiam ser considerados cristãos e os chamados anticristos seriam aqueles que não aceitam essa proposição. Dessa forma, já temos, no próprio texto bíblico, uma refutação da visão docetista. Tal visão parece ter surgido no mesmo contexto do autor da carta, pois se assemelha bastante à noção que pontuamos da “encarnação do Logos” descrita no autor do evangelho de João. Outro autor do século II d.C. que enfrentou as ideias docetistas teria sido Inácio da Igreja de Antioquia, na Síria. Pouco se sabe sobre a vida do bispo Inácio de Antioquia, mas sabe-se que foi preso por atividades cristãs em 110 d.C. Inácio escreveu sete cartas na sua jornada para Roma, onde seria executado, e um dos principais problemas tratados por Inácio nestas cartas é a ideia de que Jesus não teria vindo em carne. Inácio assume uma posição firme contra a doutrina docetista e afirma que Jesus havia sofrido e morrido fisicamente, garantido, assim, a humanidade plena de Jesus.

Segundo Inácio (1995):

Sede, portanto, surdos quando alguém vos fala sem Jesus Cristo, da linhagem de Davi, nascido de Maria, que verdadeiramente nasceu, que comeu e bebeu, que foi verdadeiramente crucificado e morreu à vista do céu, da terra e dos infernos. Ele realmente ressuscitou dos mortos, pois o seu Pai o ressuscitou, e da mesma forma o seu Pai ressuscitará em Jesus Cristo também a nós, que nele cremos e sem o qual não temos a verdadeira vida. Como dizem alguns desses ateus, isto é, infieis, se Jesus sofreu apenas aparentemente — eles que vivem apenas de aparência — então, por que estou acorrentado? Por que desejar a luta com as feras? Será por nada que estou me entregando à morte? Então, estou mentindo contra o Senhor. Fugi, portanto, dessas más plantas parasitas. Elas produzem fruto mortal, e quem o experimenta, morre imediatamente. Tais pessoas não são plantação do Pai. Se o fossem, elas apareceriam como ramos

na cruz, e seu fruto seria incorruptível. Por meio de sua cruz, Cristo vos chama em sua paixão, vós que sois membros dele. A cabeça não pode ser gerada sem os membros, pois Deus prometeu a unidade, que é ele mesmo. (Inácio de Antioquia, 1995: p.10)

A questão para Inácio se coloca de maneira crucial, pois a ideia é que, se Jesus não tivesse vindo em carne, sofrido como homem e morrido como homem, o próprio martírio de Inácio seria sem sentido. Inácio aponta que tais afirmações docetistas “não provêm do Pai”, ou seja, são heréticas e devem ser evitadas.

O docetista mais conhecido do século II d.C. foi Marcião, do qual infelizmente, não há nenhuma obra publicada. O que sabemos sobre a proposta de Marcião se dá principalmente a partir da obra de Tertuliano (2019) e cinco volumes, contra Marcião. Ao contrário dos “anticristos” mencionados acima, Marcião retira suas sugestões teológicas não do evangelho de João, mas sim da teologia de Paulo, pois Paulo teria proposto que havia uma separação entre o cumprimento da lei judaica e o evangelho de Cristo, de forma que seguir a lei não tornaria uma pessoa correta diante de Deus, mas apenas a fé na morte e ressurreição de Jesus. Marcião leva a diferenciação entre lei e evangelho ao extremo, afirmando que ambos estariam em desacordo entre si. Para Marcião, tal desacordo se daria porque a lei teria sido dada pelo Deus dos judeus, mas a salvação teria sido dada pelo Deus de Jesus, os quais seriam, por isso, dois deuses diferentes.

Enquanto o Deus do Antigo Testamento seria um Deus extremamente justo e teria dado a lei para que fosse cumprida na íntegra, a condenação para a morte pelo descumprimento da lei seria a tônica, pois ninguém possivelmente seria capaz de cumprir toda a lei. O Deus de Jesus, no entanto, seria um Deus de amor e de perdão e esse Deus teria enviado Jesus ao mundo para salvar aqueles que estariam condenados pelo Deus dos judeus.

A questão toda é que se Jesus pertencia ao Deus amoroso espiritual e não ao Deus criador dos judeus, Jesus não pertenceria à criação e por isso não

poderia ter nascido e nem ter apego ao mundo material, que seria o mundo criado pelo Deus dos judeus. Dessa forma, Jesus veio ao mundo não como um ser humano real, mas apenas parecendo um ser humano adulto que só aparentava ter uma carne humana. Essa aparência serviria para “enganar” o Deus dos judeus. A morte “aparente” de Jesus teria sido aceita pelo Deus dos judeus e, por isso, Jesus teria trazido salvação a todos que acreditassem nele, mas ele não morreu e nem sofreu realmente. A resposta às questões de Marcião é que Jesus teria, sim, vindo em carne e que o Deus dos judeus seria o mesmo Deus de Jesus, pois o próprio Jesus seria judeu.

A proposta de Marcião leva a negação da humanidade de Jesus ao extremo e marca, em grande medida, um embate entre as posições que negam a divindade de Jesus e as que negam a humanidade de Jesus. A posição ortodoxa da Igreja Cristã não caminhou em direção a nenhum dos dois extremos, mas assumiu a ideia da união entre as duas. Jesus seria humano e divino ao mesmo tempo. Ele possuiria a natureza humana e a natureza divina. No entanto, tal saída aparentemente simples traz consigo diversos problemas, pois, até que ponto Jesus seria humano? Até que ponto ele seria divino? Ele morreu como homem ou como Deus? Essas questões vão obter diversas respostas no decorrer do cristianismo: algumas foram consideradas heréticas e outras, vingaram como ortodoxia.

Uma das posições mais famosas que consideram em Jesus as duas naturezas é a posição do gnosticismo<sup>4</sup> cristão. Segundo os gnósticos cristãos, o mundo não seria criação do Deus único e verdadeiro, o que se assemelha às ideias de Marcião explicitadas acima, porém, para os gnósticos, era plausível aceitar extensas explicações mitológicas para a criação do mundo. A origem do mundo remontaria à eternidade com a geração de numerosos seres divinos que

---

<sup>4</sup> O termo “gnosticismo” é extremamente amplo e recentemente tem havido diversos debates sobre o tema (Koester,2005; Vielhauer, 2005; Meyer,2007; Eherman,2008; Pagels,2006; Bock,2007). Para nosso propósito aqui, entendemos gnosticismo um movimento cristão dos primeiros séculos que defendiam que Jesus possuiria as duas naturezas, humana e divina, e a salvação não viria da fé na morte e ressurreição, mas sim por meio do conhecimento (gnosis significa “conhecimento”) adequado dos segredos revelados por Cristo a seus seguidores.

compunham o reino divino. Em algum momento, teria havido uma catástrofe que levou à formação de seres divinos imperfeitos e não plenamente constituídos. Uma dessas divindades inferiores criou o mundo material em que habitamos. A ideia é que um Deus bom e poderoso não poderia ter criado um mundo repleto de problemas e desesperos e, por isso, o mundo material seria explicado como obra de um ser completamente imperfeito e ignorante. O mundo material seria, portanto, uma prisão para centelhas divinas originadas no reino divino, mas que, por algum motivo, caíram neste mundo. As centelhas divinas almejam a libertação dessa prisão material e conseguirão isso aprendendo os segredos sobre quem realmente são e de onde vieram.<sup>5</sup>

Para os cristãos gnósticos, esse tipo de ensinamento foi ensinado pelo próprio Cristo, pois ele teria sido aquele que veio ao mundo para ensinar tais segredos celestiais que libertarão as centelhas divinas aprisionadas pela matéria. Dessa forma, Jesus se faz homem para ensinar algo que, como Deus, ele saberia. Para a doutrina gnóstica, Jesus teria as duas naturezas. Ele seria humano temporariamente habitado por um ser divino. Haveria, então, uma separação entre Jesus e o Cristo.

Segundo a proposta gnóstica, Jesus teria sido um homem muito justo e um ser divino teria vindo sobre ele no batismo (como relatado no Evangelho de Marcos) e, por isso, ele podia fazer milagres e proferir seus ensinamentos. Como o ser divino não pode morrer, esse ser deixou Jesus antes da sua morte na cruz e isso teria sido atestado pelo próprio Jesus na emblemática frase “Deus meu, Deus meu, por que me desamparaste” (Mc 15:34), o que, na visão gnóstica, aponta para o momento em que o ser divino teria o abandonado na

---

<sup>5</sup> Muito do que se sabe sobre o gnosticismo deriva de uma coleção de livros encontrada por agricultores egípcios ao escavar adubo perto da cidade de Nag Hammadi. A coleção é chamada de Biblioteca de Nag Hammadi e contém 13 livros que são antigas antologias de textos, sendo a maioria deles gnóstica. No total, os livros contêm 52 tratados e foram escritos no antigo idioma egípcio conhecido como copta. Os livros teriam sido manufaturados no século 4 d.C. e os tratados contidos nele foram compostos provavelmente no século 2 d.C.



cruz<sup>6</sup>. O que se percebe claramente é que a proposta gnóstica pressupõe uma cristologia “separacionista” (EHRMAN 2014). O Cristo verdadeiro é o elemento divino que habitou o corpo apenas temporariamente. Apenas a parte material teria sido crucificada, a parte divina, não.

A posição gnóstica não foi muito bem aceita no início do cristianismo, pois a visão monoteísta advinda do judaísmo continua predominante. No entanto, a noção de que Jesus teria as duas naturezas (humana e divina) começou a ganhar cada vez mais proeminência, de forma que o cerne da questão no século III d.C. era realmente como justificar a existência de duas naturezas em Jesus e conciliar isso com uma visão monoteísta, ou seja, há um só Deus e Jesus sendo Deus, não é “outro deus”.

Uma tentativa de explicação desse problema é dada pela visão modalista e que afirma que Cristo era Deus e Deus era Deus porque eram a mesma pessoa. Para os modalistas, Deus existe em diferentes modos de ser, i.e, como Pai, como Filho e como Espírito. Todos os três são Deus, mas existe um só Deus porque não são distintos um do outro, mas a mesma pessoa em modos de existência diferentes.

O problema da visão modalista, principalmente para Hipólito (2019) e Tertuliano (2019), é o fato de que a visão modalista levaria necessariamente à ideia de que o próprio Pai teria descido à Virgem e Jesus seria pai de si mesmo, e na realidade, o próprio Deus teria sido morto e sofrido. Para Hipólito (2019), as escrituras retratariam o Cristo como um ser separado de Deus-Pai e não apenas um “modo de existência” de Deus. Da mesma forma, Tertuliano defende que o Cristo seria diferente do Deus-Pai. Segundo Tertuliano:

Será sua tarefa, contudo, aduzir suas provas das Escrituras tão claramente como nós fazemos, quando provamos que Ele fez de Sua Palavra um Filho para Si mesmo. Pois se Ele O

---

<sup>6</sup> O livro *Apocalipse Copta de Pedro*, em seus capítulos 81 e 83, descreve de maneira interessante esse movimento de Jesus na cruz, pois relata que Pedro vê uma figura acima da cruz rindo enquanto o corpo de Jesus está sendo crucificado, e o Cristo que ri afirma que o Jesus acima da cruz é apenas a sua parte física, mas não quem, de fato, é o Cristo.

chama de Filho, e se o Filho é nenhum outro senão Ele que procedeu do próprio Pai, e se a Palavra procedeu do próprio Pai, Ele será então o Filho, e não Ele próprio de quem Ele procedeu. Pois o próprio Pai não procedeu de Si mesmo. Agora, você que diz que o Pai é o mesmo que o Filho, realmente faz a mesma Pessoa tanto enviar de Si (e ao mesmo tempo sair de Si como) aquele Ser que é Deus. Se foi possível para Ele ter feito isto, Ele em todos os eventos não o fez. Você deve trazer as provas que eu peço de você - uma como a minha; ou seja, (você deve provar para mim) que as Escrituras mostram o Filho e o Pai sendo o mesmo, assim como do nosso lado o Pai e o Filho foram demonstrados serem distintos; eu disse distintos, mas não separados: pois de minha parte reproduzo as próprias palavras de Deus, "Meu coração emitiu minha mais excelente Palavra", e você de forma semelhante deve exemplificar em oposição a mim algum texto onde Deus tenha dito, "Meu coração emitiu a Mim mesmo como minha mais excelente Palavra", em tal sentido que Ele é Ele mesmo o Emissor e o Emitido, tanto Ele que envia e Ele que é enviado, desde que Ele seja tanto a Palavra e Deus. Eu também o convido a observar, que de meu lado eu adianto a passagem onde o Pai diz ao Filho, "Tu és meu Filho, Eu hoje te gerei". Se você quer que eu acredite que Ele seja tanto o Pai e o Filho, mostre-me alguma outra passagem onde é declarado, "O Senhor disse para Si mesmo, Eu sou meu próprio Filho, hoje eu me gerei". (Tertuliano, 2019: Item 11)

Para Tertuliano, se Jesus fosse apenas um modo da existência de Deus, a própria noção de filiação se perderia e, por isso, não seria possível aceitar a doutrina modalista como um modo de explicar a relação entre Deus-Filho e Deus-Pai. Para resolver esse problema, Tertuliano (2019) e Hipólito (2019) desenvolveram a ideia da *economia divina*. Por economia divina, esses autores entendem uma forma de organizar relacionamentos, ou seja, na economia divina haveria três seres distintos, mas completamente unificados na vontade e no propósito. Os três são um. Nas palavras de Hipólito (2019), em sua refutação a Noeto, lemos:

O Pai de fato é Um, mas existem Duas Pessoas, porque existe também o Filho, e existe então a terceira, o Espírito Santo. O Pai decreta, a Palavra executa, e o Filho é manifestado, por meio dele acredita-se no pai.[...] É o pai que comanda, e o Filho que obedece, e o Espírito Santo que concede entendimento. O Pai que está acima de tudo, o Filho que está por tudo, e o Espírito Santo que está em tudo. E não

podemos pensar em Deus de outra forma, a não ser acreditando em verdade no Pai, no Filho e no Espírito Santo (Contra Noeto, 14 in. Ehrman, 2014, p. 419)

Hipólito (2019) denominou esse Deus três-em-um de *Tríade* e Tertuliano, posteriormente, cunhará o termo *Trindade*. Tertuliano afirma contra o modalismo:

No curso do tempo, então, o Pai verdadeiramente nasceu, e o Pai sofreu, o próprio Pai, o Senhor Todo-Poderoso, a quem em suas orações eles declaram ser Jesus Cristo. Nós, contudo, como de fato sempre temos feito (e mais especificamente depois de melhor instruídos pelo Paracleto, que guia os homens realmente para toda a verdade), acreditamos que há somente um Deus, mas sobre a seguinte dispensação, ou *οἰκονομία*, como é chamado, que este único Deus tem também um Filho, Sua Palavra, que procede d'Ele próprio, por quem todas as coisas foram feitas, e sem quem nada seria feito. É ele quem acreditamos ter sido enviado pelo Pai para a virgem, e ter nascido dela - sendo tanto Homem e Deus, o Filho do Homem e o Filho de Deus, e sendo chamado pelo nome de Jesus Cristo; nós acreditamos que é ele quem sofreu, morreu e foi enterrado, de acordo com as Escrituras, e depois de ser levantado novamente pelo Pai, e levado novamente aos céus, para sentar à mão direita do Pai, e que ele virá para julgar os vivos e os mortos; quem mandou dos céus também do Pai, de acordo com sua própria promessa, o Espírito Santo, o Paracleto, o santificador da fé daqueles que acreditam no Pai, no Filho e no Espírito Santo. [...] Como se deste jeito também um não fosse todos, em que todos fossem de Um, por unidade (que é) de substância; enquanto o mistério da dispensação está ainda guardado, o qual distribui a Unidade em uma Trindade, colocando em sua ordem as três Pessoas - O Pai, o Filho e o Espírito Santo: três, contudo não em condição, mas em grau; não em substância, mas em forma; não em poder, mas em aspecto; ainda que em uma substância, uma condição e um poder, enquanto que Ele é um Deus, de onde estes graus, formas e aspectos são reconhecidos, sob o nome de Pai, Filho e Espírito Santo. Como eles são susceptíveis a número sem divisões, será mostrado enquanto nosso tratado prossegue. (Tertuliano, 2019: s.p)

O que Tertuliano (1957/2019) afirma, no seu texto, é que tal economia “distribui” a Unidade em uma Trindade colocando três pessoas em sua ordem. No entanto, embora aqui esteja o início de uma doutrina robusta da noção de Trindade, ela ainda não está fundamentada de forma como será entendida no

século 4 d.C., pois aqui ainda há uma “primazia do Pai” frente ao Filho e um pensamento ainda hierárquico quanto à relação entre ambos.

Para Novaciano, (210-278) o importante sobre o debate cristológico é manter a unidade de Deus. Novaciano enfatiza a ideia de que Cristo de fato é Deus, mas é distinto de Deus-Pai, mesmo estando em perfeita unidade com Ele. Segundo Novaciano:

De fato, tendo sido ele [o Cristo] gerado pelo Pai, sempre está no Pai. Por outro lado, de tal modo digo “sempre”, que não o faço no sentido de considerá-lo não nascido, mas sim nascido. Mas deve ser dito que sempre esteve no Pai aquele que existe antes de todo e qualquer tempo, pois não pode ser atribuído tempo a quem existe antes do tempo. Sempre esteve, portanto, no Pai: não se pense que o Pai não tenha sido sempre Pai. Pois o Pai também o precede, dado que é, como Pai, necessariamente anterior a ele. É necessário que aquele que desconhece origem anteceda o que tem origem, e, ao mesmo tempo, que este seja menor que aquele, ao saber que existe nele e, em certo modo, por meio dele, tendo origem porque nasce, e que, mesmo que tenha origem porque nasce, seja próximo a ele em virtude do nascimento, ao nascer daquele Pai, o único que não tem origem. [...] De fato, se ele não tivesse nascido, pondo-se no mesmo patamar daquele que não tinha nascido, mostrada a igualdade entre ambos, estabeleceria dois não nascidos e, portanto, dois deuses. Se não tivesse sido gerado, equiparando-se com o que não foi gerado e ambos achados iguais, com razão os não gerados teriam manifestado que haveria dois deuses e, assim, Cristo teria revelado dois deuses. Se ele fosse sem origem como o Pai, também ele, como o Pai, seria reconhecido qual princípio de todas as coisas e, estabelecendo dois princípios, consequentemente, ter-nos-ia revelado a existência de dois deuses. Ou então, se ele mesmo não fosse Filho, mas Pai, gerando de si mesmo outro filho, pondo-se, com razão, em pé de igualdade com o Pai e sendo designado tal, teria formado dois pais e, portanto, proclamado também dois deuses. Se fosse invisível, comparando-se com o que é invisível e revelando-se igual a ele, teria manifestado dois invisíveis e, portanto, comprovado também que há dois deuses. Se fosse incompreensível ou qualquer outro dos atributos que são do Pai, dizemos que, com razão, teria suscitado a controvérsia dos dois deuses que esses hereges forjam. (Novaciano, 2017: 94-95)

Para Novaciano, Cristo não é completamente Deus, mas subordinado a Ele, um ser divino que veio a existir em algum momento, mas não é eterno com

o pai, pois foi gerado em algum ponto antes da criação, pois do contrário haveria dois deuses. A posição de Novaciano foi considerada ortodoxa durante algum tempo, no entanto, a partir do século IV d.C. o paradoxo sobre a relação Deus-Pai e Deus-Filho se complexifica a ponto de a afirmação ser que Jesus era plenamente (e não parcialmente) Deus e era igual (não subordinado) a Deus-Pai.

Outro teólogo do período patrístico que foi extremamente influente é Orígenes de Alexandria, que sem dúvida alguma, figura entre os teólogos mais influentes na história do cristianismo patrístico. O seu livro *Sobre os primeiros princípios* (2012) escrito por volta de 229 d.C., é a primeira tentativa de Teologia Sistemática que se tem notícia. O texto tem início com a afirmação de que Cristo deve ser entendido como a Sabedoria de Deus que sempre existiu com Deus-Pai. Ao mesmo tempo, o Cristo seria a Palavra de Deus por meio do qual tudo veio a existir, pois é a Palavra que comunica a Sabedoria de Deus. Para Orígenes, Cristo não era apenas um ser preexistente, mas sempre esteve com Deus-Pai uma vez que é Sabedoria e Palavra de Deus.

A questão da Encarnação é um problema caro a Orígenes, que o deixa perplexo. Como Deus teria se tornado homem? Ao tornar-se homem, Deus diminuiu a sua divindade? Como o homem pode ser divino sem deixar de ser humano? Para responder a essas questões, Orígenes postula a preexistência das almas. Não apenas Cristo preexistiu à Encarnação, mas todas as almas preexistem antes do nascimento humano.

Para Orígenes,

Primeiramente, que há um só Deus que tudo criou e ordenou e que, quando nada existia, fez o Universo, Deus desde a primeira criatura e fundação do mundo [...] Em segundo lugar, que o próprio Jesus Cristo que veio (ao mundo) foi gerado do Pai antes de toda a criatura. Ele mesmo, que serviu ao Pai na criação de todas as coisas, e que por meio dele todas as coisas foram feitas, humilhando-se a si mesmo nos últimos tempos, encarnou-se feito homem. Sendo Deus, permaneceu sendo Deus ao fazer-se homem. Assumiu um corpo semelhante ao nosso corpo, deste diferindo apenas por ter nascido de uma virgem e pelo Espírito Santo. E também que

este Jesus Cristo nasceu e padeceu de verdade, e não sofreu a morte comum a todos apenas imaginariamente, mas morrendo verdadeiramente. Verdadeiramente também ressuscitou dos mortos e, depois da ressurreição, tendo convivido com os seus discípulos, subiu aos céus. Em terceiro lugar, os apóstolos nos manifestaram o Espírito Santo, associado em honra e dignidade ao Pai e ao Filho. Nisto, porém, já não se distingue manifestamente se o Espírito Santo é gerado ou não gerado, ou se deve ser tido também ele mesmo como Filho de Deus ou não. (Orígenes, 2019:3)<sup>7</sup>

A diferença que Orígenes propõe para Jesus é o fato de ele ter nascido de uma virgem, ao passo que os homens todos não nascem de uma virgem. Para Orígenes, no passado, Deus criou uma menor quantidade de almas para que elas contemplassem e agissem com o Filho de Deus, que era Palavra e Sabedoria de Deus. No entanto, essas almas fracassaram nesse propósito e se afastaram da contemplação a Deus. Algumas almas teriam se afastado mais que outras. As que mais se afastaram tornaram-se demônios, as que não se afastaram tanto tornaram-se anjos e aquelas que ficaram no meio entre um afastamento grande e um afastamento pequeno, tornaram-se humanos. A condição que se cai, para Orígenes, era uma forma de punição para a alma.

No entanto, uma alma não se afastou, essa alma que seria a de Cristo. Devotou-se completamente a Deus, à Sua Palavra em estado de contemplação constante. Como essa prática de contemplação incessante, essa alma sofre um profundo efeito em si: ficou, devido a essa contemplação, constante para sempre em Deus, ela “tornou-se Deus em todos os atos, sensações e pensamentos” (Orígenes, 2019: 12).

Por meio dessa alma, Deus pôde estabelecer contato com as almas caídas que tinham se tornado humanas. E como ela era um com Deus, em seu estado encarnado, o homem-Jesus podia ser chamado “Filho de Deus”, “Palavra de Deus”. A alma do Cristo teria escolhido amar a justiça e, por isso, agarrou-se à

---

<sup>7</sup> Disponível em: <[https://sumateologica.files.wordpress.com/2010/02/origenes\\_de\\_principiis\\_livroiv.pdf](https://sumateologica.files.wordpress.com/2010/02/origenes_de_principiis_livroiv.pdf)>. Acesso em: 03 de outubro de 2019.

sua imutabilidade e inseparabilidade de acordo com o seu amor à contemplação divina e, por isso, foi feito como Deus, tornando-se da mesma natureza divina.

A saída de Orígenes se mostra extremamente sofisticada, mas, ao mesmo tempo, coloca diversos problemas e percebe-se claramente uma influência de matriz platônica em sua solução. Foi extremamente profícua a solução do teólogo de Alexandria, no entanto, a teologia cristã continuou seguindo as investigações para esclarecer o problema levantado sobre as duas naturezas de Jesus.

## Conclusão

Como visto, o tema da Encarnação foi extremamente debatido no século II e III depois de Cristo e diversas soluções foram dadas aos problemas levantados. Várias dessas ideias foram definidoras de decisões importantes no decorrer da história da teologia cristã e ainda hoje algumas ideias reaparecem com outras roupagens dentro do cristianismo. Nosso objetivo nesse texto foi traçar brevemente essa história sobre o tema da Encarnação trazendo os debates e autores mais importante para a uma visão panorâmica sobre o tema. Acreditamos que cumprimos o nosso objetivo e acreditamos que o nosso texto possa ser bastante útil para quem deseja iniciar os estudos sobre o tema.

## Bibliografia

- Bíblia Sagrada. (1999) Tradução de João Ferreira de Almeida. São Paulo: Editora Vida.
- Bock, Darrell L. (2007) **Os Evangelhos Perdidos**. Rio de Janeiro: Thomas Nelson Brasil.
- Ehman, Bart D. (2008) **Os Evangelhos Perdidos**. São Paulo: Record.
- Ehrman, Bart D. (2014) **Como Jesus se tornou Deus**. Tradução de Lúcia Brito. São Paulo. SP. Leya.
- Eusebio, de Cesareia. (2001) História eclesiástica. Madrid: Biblioteca de Autores Cristianos.
- Hipólito. Refutations of all heresies. Book X. Capítulo. 18), Disponível em <http://www.newadvent.org/fathers/050110.htm> , acesso em 03 de outubro de 2019.
- Padres apostolicos: (1995) Clemente Romano, Inacio de Antioquia, Policarpo de Esmirna, o pastor de Hermas, Carta de Barnabe, Papias. Sao Paulo: Paulus. (Patrística, 1)
- Tertuliano. Contra práxeas. Disponível em <http://www.e-cristianismo.com.br/historia-do-cristianismo/pais-apologistas/tertuliano-contra-praxeas.html>. Acesso em 03 de outubro de 2019.

- Koester, Helmut. (2005) **Introdução ao Novo Testamento: História e Literatura do Cristianismo Primitivo**. São Paulo: Paulus.
- Meyer, Marvin (2007) **Mistérios Gnósticos: As Novas Descobertas**. São Paulo: Pensamento.
- Novaciano. (2017) **A trindade; Escritos éticos ; Cartas**. São Paulo: Paulus.
- Orígenes (2012) **Tratado sobre os princípios**. São Paulo: Paulus.
- Pagels, Elaine. (2006) **Evangelhos Gnósticos**. Rio de Janeiro: Objetiva.
- Vielhauer, Phillip (2005) **História da Literatura Cristã Primitiva**. São Paulo: Academia Cristã.
- GELLNER, Ernest. (1992). *Nations and nationalism*. New York: Cornell University Press.
- PFEIFFER, Charles F. (1975). *Old Testament History*. Grand Rapids: Baker Book House.